

## Timor nos séculos XVI e XVII

### Doc. 1 →

Embarcação com flutuadores, na atualidade



### Doc. 2 →

Lenda antiga sobre os quatro reinos

Um dia, quatro tribos habitantes da península de Malaca fizeram-se ao mar em grandes e sólidas jangadas de bambu, em demanda de novas terras a oriente. Durante a segunda jornada de viagem, grande temporal se formou [...]. Dias passados, por alturas de Macaçar, nova tormenta se levantou destroçando as jangadas e arremessando os navegantes para as praias da ilha. Apesar de bem recebidos pela população local, os sobreviventes não quiseram aí permanecer: a ideia de prosseguir viagem atormentava-os. Num novo veleiro construído em Macaçar arribaram a Flores onde parte dos homens e mulheres da tripulação, seduzidos pelos encantos da terra, resolveram estabelecer-se. O grupo principal continuou viagem, até vir a atingir finalmente Timor por alturas do reino de Amatung.

Cedo, duras lutas se travaram entre os recém-chegados e os insulares, os Melus, povos primitivos e guerreiros, conseguindo os primeiros inflingir pesadas derrotas e conquistar muitas terras aos naturais. Três das tribos invasoras, cujos chefes eram irmãos, haviam trazido de Malaca três plantas que foram colocadas nos locais onde cada tribo primeiro acampou. Os nomes destas árvores- ai hali, ai hico e ai-timo- deram origem aos reinos de Uai-Hali, Uai-Hico e Hai-timo; a quarta tribo ocupou a região Fatu-Aruim.

Com o decorrer do tempo, o reino de Huai-Hali veio a alcançar grande prestígio e hegemonia entre os povos vizinhos. Aos seus reis, que se intitulavam Filhos de Deus (Maromac-ôan) atribuíam-se poderes sobrenaturais; a eles dirigiam os povos as suas preces.

Lenda transcrita por Ruy Cinatti, na segunda metade do séc. XX

### Atividade:

Esta lenda sobre quatro reinos (Doc.2) está transcrita numa obra da segunda metade do séc. XX. Indica dois argumentos contra e dois a favor da utilização da informação que a lenda contém, para a história de Timor. Apresenta os argumentos aos teus colegas de turma e debate com eles este assunto.

## 1. Os reinos guerreiros: sociedade, crenças e poder nas vésperas da chegada dos povos ocidentais

### 1.1. Origens- as lendas e a história

A história de Timor e a origem das suas gentes faz-se recorrendo às fontes diversas de que se dispõe. Para os tempos mais recuados, são as fontes arqueológicas que comprovam a existência de populações, há pelo menos 42 000 anos. Outras fontes materiais, também encontradas pelos arqueólogos, revelam que houve várias vagas migratórias com a chegada e fixação de novos povoadores.



### Doc. 3

Povoações e reinos de Timor segundo fontes escritas

### Atividade:

1. Ao estudares este tema sobre a história mais antiga de Timor, podes ir registando no teu caderno quais as fontes que consideras serem primárias e quais as secundárias.

Mas, além das fontes historicamente comprovadas, os povos criam mitos e lendas acerca das suas origens. São narrativas transmitidas oralmente, de geração em geração, que chegaram até nós sem que se saiba quando foram criadas. Alguns desses mitos podem conter um fundo de verdade histórica, como, no caso de Timor, a ideia de que os povoadores chegaram por mar, em diferentes épocas (**Doc. 2**).

Os estudos realizados sobre a distribuição das línguas faladas em Timor contribuem também para o conhecimento da origem dos povos timorenses. Identificaram-se, assim, dois grandes grupos: as línguas de origem papua e as de origem austronésia. Uma das línguas de origem austronésia, o **tetum**, tornou-se uma **língua veicular**. Alguns autores explicam este facto por ser a língua falada por uma aristocracia militar dos dois reinos que exerceram hegemonia sobre outros- o reino de **Wehale** e o reino de Senobai.

Tal como muitas outras populações da região, as sociedades timorenses não dispuseram, antes do séc. XVI, de um sistema de escrita, razão por que as fontes tradicionais se conhecem apenas por meio de relatos de navegadores ou de mercadores estrangeiros que conheceram ou obtiveram informações sobre a ilha. A inexistência de escrita explica ainda que a memória colectiva tenha sido transmitida oralmente, desconhecendo-se quando mitos e lendas tiveram origem, uma vez que só foram recolhidos e passados a escrito em épocas recentes.

**Wehale** - Este reino é designado de várias formas nas diversas fontes: Uai-Hali, Oibich, Be-hale, Waiwiki-Weahle.

**Língua veicular** - A que é utilizada por várias comunidades de línguas maternas diferentes, para assegurar a comunicação entre elas.

**Tetum** - Em contacto com o português, tornou-se, mais tarde, um «crioulo». É atualmente a língua nacional de Timor-Leste.

**Doc. 4 →**  
Fontes chinesas

**A.** Os países de Ta-Kang [Sumba?] [...] Ma-li [Bali], Tan-jung-wu-lo [Flores?], Ti-wu [Timor] [...] estão situados em ilhas; cada uma tem o seu próprio chefe, e têm embarcações em que navegam de umas para outras.

*Chu-Fan-Chi* [«Anais dos Povos Estrangeiros»], manuscrito, cerca de 1250

**B.** Ti-men [Timor] está situada a nordeste de Chung-chia-li [Java ocidental?].

*Tao-I-Chin-Lueh* [«Testemunho sumário das nações insulares»], manuscrito, cerca de 1350

**Doc. 5 →**  
Uma fonte portuguesa

Entre as ilhas de Bima e de Solor se faz um canal grande por onde vão as ilhas dos sândalos. Todas as ilhas de Java para diante se chamam Timor, porque na linguagem da terra timor quer dizer levante, como se dissessem as ilhas de levante [...].

Tomé Pires, *A Suma Oriental*, 1515

**Doc. 6 →**  
Timor na rota da primeira viagem de circum-navegação

A ilha é toda habitada e é muito comprida no sentido este-oeste mas, de norte a sul, não muito larga. Situa-se a dez graus de latitude na direção do Polo Ártico e, em longitude, a cento e sessenta e quatro graus e meio da linha de separação, e chama-se Timor.

António Pigafetta, *A Primeira Viagem em redor do Mundo*, 1525

#### Atividade:

1. Explica por que razão podem Tomé Pires e outros autores ter dúvidas sobre a identificação das ilhas de Sunda e, também, de Timor.
2. Procura na Web o sítio: <http://www.assemblee-nationale.fr/histoire/7gf.asp>. Aí podes encontrar a digitalização da obra de Francisco Rodrigues, com a designação de *Le Journal de Francisco Roïs*. Identifica Timor (pág. 24). Explica por que razão se pode considerar que se trata de uma fonte secundária.

**Fonte primária**- Prova material ou testemunho direto do acontecimento a que se refere.

**Fonte secundária**- Testemunho obtido através de informação de outra fonte

A mais antiga referência escrita, acerca de Timor, de que temos conhecimento até agora, é um manuscrito chinês do séc. XIII (**Doc. 4-A**). Além desta, outras fontes chinesas dos sécs. XIV e XV descreveram Timor e a sua importância nas rotas mercantis do Sudeste asiático (**Doc. 4 B**).

Em obras de pilotos árabes do séc. XV e início do séc. XVI há descrições de ilhas de «timor» que, como se sabe, é a designação de «oriental» nas línguas austronésias; não é, contudo, muito claro que se refiram apenas à ilha de Timor. Após a conquista de Malaca, em 1511, o rei português D. Manuel I ordenou que fosse enviada uma expedição para reconhecimento das rotas do comércio das especiarias e do sândalo. Por volta de 1512, o piloto e cartógrafo Francisco Rodrigues participou nessa viagem, comandada por António Abreu; deixou, no seu *Livro*, um conjunto de mapas e de perfis de costas, onde Timor é identificado como a ilha «onde nasce o sândalo». Francisco Rodrigues não terá passado por Timor, pelo que o seu *Livro* pode não ser considerado uma **fonte primária**, mas uma **fonte secundária**. No entanto, é a primeira representação de Timor, em mapas europeus. No séc. XVI, outros navegadores do Ocidente europeu passaram ou tiveram conhecimento de Timor e das ilhas de Sunda que localizaram e descreveram (**Docs. 5 e 6**).

Os historiadores vão assim reconstruindo, a partir da diversidade de fontes disponíveis - materiais, orais e escritas - o percurso dos povos de Timor, ao longo dos tempos. Mas o conhecimento do passado de Timor é, antes de mais, o resultado da conjugação dos estudos realizados.

A madeira de sândalo provém dos dois países de Ta-Kang [Sumba?] [...] e de Ti-wu [Timor]; encontra-se também em San-fo-t'si. A árvore assemelha-se à que produz o li-chi na China [...]. Os autóctones cortam as árvores e fazem-nas secar à sombra [...].

*Chu-Fan-Chi*, manuscrito de cerca de 1250

← **Doc. 7**  
O sândalo



← **Doc. 8**  
Sândalo branco

Nas montanhas [de Timor] não crescem outras árvores que não sejam sândalo, que é muito abundante. É trocado por prata, ferro, porcelana, algodões indianos e tafetás de cor.

[...] Há, na totalidade, doze locais que servem de portos. Têm um chefe local. O solo é propício à cultura dos cereais. O clima é irregular, quente de dia, frio de noite [...]. Os que chegam a Timor contraem doenças e muitos morrem. A fim de evitar as doenças, é preferível, sempre que possível, permanecer nas embarcações. Se alguém fica exposto ao vento e à chuva, a doença atacá-lo-á com febres fortes. Esta doença chama-se perturbação dos espíritos vitais [*yinyang jiaojiao*] e leva a uma morte inevitável.

*Tao-I-Chin-Lueh* [«Testemunho sumário das nações insulares»], manuscrito chinês, cerca de 1350

← **Doc. 9**  
Informações úteis para quem visitasse Timor (séc. XIV)

As ilhas de Timor são de reis gentios. Nestas duas há grande soma de sândalos brancos muito baratos, porque os matos não têm outra madeira. Dizem os mercadores malaio que Deus criou Timor de sândalos, e Banda de maçãs e as de Maluco de cravo. [...] E eu perguntei e inquiri diligentemente se havia estas mercadorias noutras terras e todos dizem que não. [...] A esta ilha vão [mercadores?] de Malaca e de Java todos os anos. E vão os sândalos para Malaca, onde é boa mercadoria [...], e levam para lá panos brancos. E por pouca mercadoria carregam os juncos de sândalos. É rica a viagem de Timor, mas é doentia.

Tomé Pires, *A Suma Oriental*, 1515

← **Doc. 10**  
O comércio com Malaca

#### Atividade:

1. Lê os documentos 9 e 10. Enumera os produtos que os timorenses recebiam em troca do sândalo.
2. Justifica o interesse deste comércio para estrangeiros e timorenses.
3. «É rica a viagem, mas é doentia». Compara as afirmações apresentadas nos documentos 9 e 10.

## 1. 2. - A ilha «onde nasce o sândalo» - comércio e outros recursos

As florestas de Timor eram ricas em sândalo, madeira muito apreciada por indianos e chineses. Mas, de acordo com as informações de que dispomos, foram os chineses que primeiro desenvolveram este comércio. A madeira de sândalo era e ainda é utilizada para perfumaria, bem como para outras aplicações aromáticas e medicinais; na China era usada em ritos religiosos e cerimónias da corte e também servia para ser esculpida. O sândalo mais apreciado era o sândalo branco. Antes da chegada dos europeus, mercadores javaneses, árabes e malaio conheciam as rotas que lhes permitiam realizar este tráfico, sobretudo para abastecimento dos mercados chineses.

**Li-chi** - Árvore da Ásia meridional que produz um fruto comestível.

**Doc. 12** →  
Campos de arroz



**Doc. 11** →  
O búfalo, auxiliar do  
trabalho agrícola



**Doc. 13** →  
Recursos naturais e  
alimentação nas ilhas de  
Sunda e Molucas

Há pouca agricultura, mas muitas árvores, do interior das quais se tira o sha-hu [sagu], que se parece com a farinha de trigo. Misturam-na com água e tendem bolinhas do tamanho de ervilhas. Depois de as secarem ao sol, guardam-nas como se fosse cereal. [...] Também gostam muito de cana-de-açúcar e de bananas. Estas últimas são esmagadas e, juntando-lhe uma substância, são postas a fermentar para fazer vinho. *Chu-Fan-Chi*, manuscrito de cerca de 1250

**Doc. 14** →  
Mais produções em  
Timor

Nesta ilha, e em mais nenhum lado, encontra-se sândalo branco, além de gengibre, porcos, cabras, arroz, figos, açúcar, laranjas, cortiços, amêndoas, e outras coisas, e papagaios de diversos tipos e cores. António Pigafetta, *A Primeira Viagem em redor do Mundo*, 1525

**Doc. 15** →  
O ouro

Há também nesta ilha de Timor quantidade de ouro nascido nela própria de que se tem achado e acham de ordinário muitas lascas nas ribeiras que vêm descendo das serras [...] tão fino e sólido de quilates como o da China [...].  
Códice 465, Biblioteca Nacional (Portugal)

#### Atividade:

A partir dos documentos 13, 14 e 15, elabora uma lista das principais riquezas naturais de Timor. Procura obter mais informações e completa a lista. Compara-a com as dos teus colegas.

Malaca era, como já foi referido anteriormente, um importante entreposto comercial entre a Índia, a China e o arquipélago indonésio e por lá passava também o comércio do sândalo, levado sobretudo para os portos chineses. As trocas com Timor integravam-se nas redes comerciais do Sudeste asiático, mas os reinos do litoral controlavam os contactos com o interior da ilha (**Doc. 9**). Neste, o abate das árvores era vigiado pelos chefes timorenses que, segundo as fontes escritas, exigiam dos mercadores valiosos presentes para entrega dos produtos procurados. Os timorenses não estavam, portanto, isolados desse tráfego, mas não se tornaram navegadores, como outros povos da região.

Os relatos de viajantes e mercadores referem as riquezas naturais da ilha e os seus recursos, como a cera, além do sândalo que a tornou conhecida (**Docs. 13, 14, 15 e 17**). A agricultura que os seus habitantes praticavam era de subsistência, com utensílios como a vara e a sachola. O búfalo deve ter sido, desde épocas recuadas, um precioso auxiliar na preparação da terra para o cultivo do arroz. A caça, a recolção e a pesca complementavam as atividades agrícolas, quanto ao provimento de alimentação.

Os povos timorenses desenvolveram técnicas de tecelagem, cestaria, olaria e trabalho dos metais, nomeadamente de ourivesaria.



← **Doc. 16**  
Montanha, em Timor



← **Doc. 17**  
A ilha de Jaco

No sábado, 25 de janeiro de mil quinhentos e vinte e dois, partimos da ilha de Mallua [Alor]. E no domingo seguinte chegámos a uma grande ilha a cinco léguas de distância da outra, entre sul e sudoeste. E eu fui a terra sozinho, para falar com o chefe de uma terra chamada Amabau, para ver se ele nos podia fornecer mantimentos. Respondeu que nos daria bois, porcos e cabras; mas não conseguimos entrar em acordo, porque ele queria, em troca de um boi demasiadas coisas das quais tínhamos pequena quantidade. Assim, com a fome a pressionar-nos, retivemos no nosso barco, juntamente com o seu filho, um dos homens importantes de outra cidade chamada Balibó [...].

Do outro lado da ilha estão quatro irmãos, os seus reis. E onde estivemos só há cidades e alguns chefes e senhores destas. Os nomes das habitações dos quatro reis são: Oibich [Wehale], Lichsana [Liquicá?], Suai e Cabanzza [Camenaza].

António Pigafetta, *A Primeira Viagem em redor do Mundo*, 1525

← **Doc. 18**  
Os quatro reinos-  
testemunho de Pigafetta

#### Atividade:

Procura obter mais informações sobre os reinos timorenses e a sua organização social. Com os elementos que obtiveres, elabora um texto em que exponhas os teus conhecimentos sobre este tema.

### 1.3. Organização política e estrutura social

As fontes escritas relativas a Timor referem a existência de chefes locais (**Docs. 2, 4, 9, 17 e 18**). Os portugueses deram-lhes a designação de reis, que alguns historiadores consideram correta, mas a palavra usada em tetum é *liurai*. Os holandeses deram-lhes o nome de *rajás*.

Havia efetivamente em Timor uma grande fragmentação política, em que cada comunidade tinha o seu próprio chefe. As condições da orografia da ilha, com altas e escarpadas montanhas (**Doc. 16**), vales profundos e ribeiras caudalosas no tempo das chuvas, bem como a densa vegetação contribuíram para o isolamento das comunidades que se organizaram de forma autónoma e diferenciada. Esta situação de isolamento era mais marcada no interior da ilha, ao passo que as comunidades do litoral tiveram possibilidade de comunicar com o exterior, através das redes de comércio.



**Doc. 19** →  
Casa tradicional (região  
de Los Palos)



**Família extensa** - Conjunto de parentes que vivem na mesma casa, em economia comum.

As **chefaturas** em que a ilha estava dividida eram geralmente hereditárias e, segundo os mais antigos textos portugueses, reconheciam a supremacia de dois reis: no centro o de Wehale, e o de Senobai, na parte ocidental da ilha.

O rei de Wehale, o mais importante, exercia o seu poder sobre a parte oriental, nos textos portugueses designada por «Província dos Belos», e o rei de Senobai, na região ocidental ou «Província de Servião». Estes últimos reis eram designados pelas fontes escritas portuguesas como «imperadores», detendo uma autoridade de carácter simbólico.

A sociedade apresentava uma hierarquia de tipo feudal. Abaixo dos *liurais*, os *datus*, elementos da aristocracia, eram chefes de um agrupamento de aldeias, o *suku*. A *knua*, ou aldeia, era governada por nobres de segunda ordem. As comunidades locais tinham por base a *uma*, ou «casa» da **família extensa**. Nestas sociedades eram observadas estritas regras de comportamento, sendo determinante a autoridade dos anciãos. Além dos nobres havia ainda homens livres e escravos que eram prisioneiros de guerra ou comprados. Podiam ser libertados e, nessa altura, passavam a ter a situação social do seu antigo senhor. Os homens livres estavam sujeitos a obrigações relativamente aos *datus*; realizavam trabalho gratuito, cultivando a terra ou prestando outros serviços, além de pagarem impostos.

Os *liurais* eram escolhidos pelos *datus* e seus familiares, mas apenas entre os que descendessem de famílias reais pelos dois lados, materno e paterno. Alguns *liurais* faziam entroncar a sua linhagem em entidades divinas.

As relações entre os reinos estabeleciam-se por casamentos entre as famílias dos *liurais*. Estes podiam ter várias mulheres, mas uma delas deveria ser da família de um outro rei. O estabelecimento das relações realizava-se pelo sistema de *barlaque*, dote pago pela família do noivo à família da noiva, em cabeças de gado, ouro e panos. À semelhança de outras sociedades feudais, as sociedades timorenses eram belicosas e os reinos travavam entre si guerras que, por vezes, tinham um carácter ritual, designadas em tetum por *funu*. As necessidades defensivas contra possíveis invasores e as guerras entre os reinos terão levado à construção de fortificações em pontos mais altos, designadas por tranqueiras, de que ainda subsistem muitos vestígios, sobretudo na região oriental.



← Doc. 20  
*Uma-lulic, casa sagrada*



← Doc. 21  
Monte Matebian

#### Atividade:

Procura recolher, entre os teus familiares e amigos mais velhos, informações relativas aos *lulic* e às práticas religiosas tradicionais. Organiza, com os teus colegas, uma coletânea dessas práticas ancestrais.

### 1.4. Crenças e práticas religiosas

As populações timorenses eram animistas, ou seja, consideravam que a natureza se encontrava animada por forças sobrenaturais. Acreditavam ainda numa estreita relação entre o mundo natural e o mundo espiritual. Nesta relação era atribuída uma importância especial aos espíritos dos antepassados, modelos e protetores dos vivos. Por esta razão, as suas práticas religiosas dirigiam-se especialmente ao espírito dos antepassados e aos *lulic*, relíquias que consideravam dispor de poderes sobrenaturais. Estas relíquias, que podiam ser objetos variados, eram guardadas em «casas sagradas» ou *uma-lulic*, que ocupavam a parte central da aldeia.

As suas crenças incluíam uma divindade designada *Marômac*, que em tetum significa «brilhante», mas não lhe prestavam culto, não tinham templos, nem o figuravam por imagens. Os missionários cristãos recorreram a esta palavra para traduzir o conceito cristão de «Deus». No tetum atual *Marômac* significa Deus. A montanha sagrada por excelência, o *Mate-bian*, representava o espírito dos antepassados.



**Doc. 22 →**  
Timor apresentada  
ao rei D. Manuel de  
Portugal

Timor é uma ilha além de Java, tem muito sândalo, muito mel, muita cera, não tem juncos para navegar, é ilha grande, de cafres, por não haver juncos não foram lá.  
Carta ao rei D. Manuel por Rui de Brito Patalim, 1º capitão de Malaca

**Atividade:**

1. Enuncia todas as informações sobre Timor que foram dadas a D. Manuel pelo capitão de Malaca.

## 2. A missão católica: as ordens religiosas em Solor, Flores e Timor

### 2.1. O quadro geral

**Cafres** - Palavra árabe que significa infiel. Inicialmente, designação dada pelos muçulmanos as populações negras de não islamizados da costa oriental africana.

Na altura em que os europeus chegaram a Timor e aos pequenos arquipélagos do Pacífico, Malaca era um entreposto mercantil com uma enorme atividade. Ligada aos mercados do Extremo Oriente, era a placa giratória de mercadorias entre a China, a Insulíndia e a Índia. À cadeia das ilhas da Pequena Sunda vinham, anualmente, os mercadores adquirir o sândalo. A passividade de Timor no processo comercial devia-se às limitações da técnica de construção naval da ilha. Tal como as ilhas vizinhas, Timor tinha embarcações muito perfeitas no ajuste das madeiras, mas frágeis pela não utilização de pregos de reforço. Acrescia a esta insegurança, em viagens de maior curso, o facto da sua orla costeira apenas dispor de dois portos abrigados mas demasiado distantes do interior da ilha onde se colhia o mel, a cera e o sândalo branco para exportação.

A situação referida impediu, provavelmente, a criação de comunidades mercantis com algum dinamismo. Assim, as notícias referem apenas alguns muçulmanos estabelecidos em Timor e Solor (**Doc. 27**) dedicados à compra do sândalo. Eram, em geral, agentes dos mercadores que da península malaia o vinham recolher.

A conquista do sultanado muçulmano de Malaca, em 1511, pelo então vice-rei da Índia, o português Afonso de Albuquerque, não alterou de imediato a situação. Apesar do desejo de visitar a ilha, ou seja, de comerciar o sândalo, isso só aconteceu em 1515 (**Doc. 22**). Em 1518, porém, como escreve a D. Manuel um capitão de Malaca, os portugueses já navegavam normalmente de um porto em Java Oriental “ por onde os nossos juncos vão e vêm para Timor, Banda, Molucas”.

Defendemos e mandamos que nenhum nosso feitor de nenhuma nossa feitoria da Índia, nem de Malaca, nem de Ormuz, nem de nenhuma outra parte, em que feitoria tivermos, nem [...] por si, nem por outrem, nem em nenhuma companhia de mercadores cristãos, nem mouros, nem de qualquer outra nação, não possam **trautar** em nenhuma sorte de especiarias, drogarias, nem nenhuma outra mercadoria de lá, nem das de cá do reino, nem as comprar, nem vender, posto que tenhamos dado lugar àqueles que nos andam servindo nas ditas partes da Índia, que o possam fazer naquelas coisas, para que lhes temos dado licença, porque nos sobreditos nossos oficiais, não queremos que haja a dita liberdade, nem se entende, sob pena de sendo provado a qualquer dos sobredito que traudou, comprou ou vendeu alguma mercadoria, [...] perder pelo mesmo feito, todo o que se lhe assim provar, que assim traudou, comprou e vendeu e mais seu soldo, e **quintaladas** se de nós as tiver, e toda a sua fazenda, assim móvel como de raiz, onde quer que lhe for achada.

*Ordenações da Índia, 1520*

← **Doc. 23**

Rigor monopolista no reinado de D. Manuel

**Atividade:**

1. Explicita as regras que a coroa portuguesa impunha ao comércio dos portugueses no Oriente, expressas no documento.

Para adquirirem o sândalo, os portugueses entravam na incômoda cadeia de mercadores que, subordinados ao regime das monções, aguardavam o carregamento das suas embarcações. Como outros, acabaram por preferir utilizar a pequena ilha de Solor para base das atividades comerciais que mantinham com Timor. Aos mais de duzentos mercadores portugueses que chegavam de Malaca também se juntavam outros, procedentes de Macau.

Em teoria, o comércio português era monopólio régio, mas o rei podia declará-lo livre e concedê-lo a quem quisesse (**Doc. 23**). Foi o que aconteceu com Timor. No início, a Coroa explorou diretamente o tráfico do sândalo, enviando de Malaca, todos os anos, uma ou mais embarcações armadas à sua custa. Depois cedeu esse comércio ao capitão da fortaleza de Malaca. Este explorava-o, através de agentes e feitores ao seu serviço ou negociava-o com portugueses residentes em Malaca. Normalmente, eram portugueses que tinham o estatuto de «casados», isto é, eram antigos soldados ou homens do mar, que se tinham estabelecido e constituído famílias mestiças, luso-asiáticas.

A partir de meados do século XVI, a Coroa privilegiou também o capitão da chamada «viagem do Japão». Chegava de Goa, uma vez por ano, e carregava em Malaca uma embarcação com sândalo de Solor e Timor destinado a Macau e ao Japão. Com frequência, esse capitão vendia a viagem a mercadores de Macau que, por este meio, penetraram no negócio do sândalo.

**Trautar**- Ajustar, negociar.

**Quintaladas**- Parte do soldo ou ordenado dos que serviam nas armadas da Índia, pago sob a forma de licença de importação de fardos de pimenta, comprados à sua custa, mas transportados e desembarcados no reino sem encargos.

**Doc. 24** → Tem feito um frade de S. Domingos passante de cinco mil cristãos na ilha de Timor donde vem o sândalo, e na ilha de Ende tem feito muitos.  
A primeira missão - 1556 Frei Gaspar da Cruz, *Tratado em que se contam por extenso as coisas da China*

**Atividade:**

1. Elabora um texto curto sobre a ordem religiosa que primeiro enviou missionários a Timor (Doc.24).
2. Procura informações, em livros ou na Web, sobre a biografia de Frei António Taveira, referido no texto explicativo.

## 2.2. Os dominicanos em Solor, Flores e Timor

Foi em meados do século XVI, com a chegada dos jesuítas à Índia (1542), e a criação da diocese de Goa (1534), que a missão no Oriente arrancou verdadeiramente. Em Timor foi tão irregular que, alguns autores defendem que só no século seguinte, em 1641, quando o dominicano frei António de S. Jacinto se fixou em Mena, se pode de facto falar de cristandade e de domínio português permanentes em Timor.

Convém ter-se presente que a solidariedade religiosa era importante num tempo em que o comércio assentava na confiança recíproca entre as partes contratantes e que essa confiança se alicerçava numa mesma crença. Aliás, era também importante que as elites políticas e mercantis locais partilhassem as concepções morais dos seus interlocutores distantes. Tinham sido já estas as razões práticas do expansionismo islâmico no Índico antes da chegada dos portugueses.

Nas armadas, nas fortalezas e nas feitorias, os portugueses tinham o apoio espiritual do clero que os acompanhava. A evangelização no Oriente, se bem que urgente para os objetivos de Portugal, não se apresentou fácil quer pela dificuldade da língua, quer pelos conflitos entre os próprios religiosos, quer pela guerra movida pelos crentes de outras religiões, especialmente o Islão.

No caso de Timor, se não fosse a ação dos missionários dominicanos, que obtiveram do papa e da coroa portuguesa o exclusivo da evangelização em toda a região, a presença dos portugueses teria sido muito reduzida. Foram os dominicanos que, seguindo os passos dos mercadores, e sempre ligados ao grande comércio local, atraíram Timor à esfera de influência portuguesa. O interesse por esta região era simultaneamente religioso e de natureza económica; os dois andavam a par. Com efeito, os dominicanos verificavam que os mercadores muçulmanos não eram particularmente bem acolhidos nas ilhas da Pequena Sunda e que, por outro lado, o lucrativo comércio local lhes permitiria montar e manter viva a missão e a cristandade que formassem.

Antes dos dominicanos, a pedido de um dos reis da Ilha, não identificado, já se tinha posto a hipótese da vinda de uma missão da Companhia de Jesus, que não se concretizou. Foi, pois, a partir do convento dominicano de Malaca, construído dois anos antes que, em 1556, frei António Taveira chegou a Timor (**Doc. 24**).



← **Doc. 25**

Solor, segundo Pedro Barreto de Resende - *Livro das Plantas de Todas as Fortalezas, Cidades e Povações do Estado da Índia Oriental...*, António Bocarro, 1635

**Atividade:**

1. Observa a imagem, (Doc. 25) e descreve-a.
2. Explica as circunstâncias em que Solor adquiriu este aspeto.

A intenção do frade era fundar missões em Timor e em Ende (**Doc. 27**), mas a empresa não teve grande sucesso. Contudo, em Timor, além de alguns milhares de batizados, converteu-se um rei com a sua gente e, em Solor, formaram-se pequenos núcleos cristãos.

A partir de 1558, com a constituição do bispado de Malaca, passou a ser mais fácil o envio de missões pontuais para as ilhas circunvizinhas. Em 1562, frei António da Cruz desembarcou em Solor e aí construiu um pequeno convento, protegido por uma tranqueira, que congregava já uma comunidade constituída por nativos convertidos e portugueses mestiços.

Em nenhuma das ilhas havia ainda governo, administração, ou força armada portuguesa. Perante um ataque de javaneses, o pequeno forte e o apoio de um galeão que estacionava no porto foram suficientes para os vencer. O entusiasmo da vitória, provocou, de imediato, numerosas conversões. O reduto inicial foi então substituído por um forte de pedra, desenhado pelo próprio frade e confiado ao comando de um capitão-mor (1566) (**Doc. 25**). De futuro, embora a nomeação dos capitães-mores fosse sancionada pelo governo de Goa ou de Lisboa, eram escolhidos pelos dominicanos que, deste modo, ficaram com autoridade sobre eles.

Os capitães-mores tinham por obrigação defender as populações acolhidas no recinto fortificado e dotado de um baluarte. O recinto albergava, também, um convento, uma igreja e um seminário. As situações mais ameaçadoras foram as várias investidas de muçulmanos das Celebes. Já no final do século XVI, em 1595, o governo de Goa resolveu passar a exercer o direito de nomear o capitão-mor. Esta decisão levantou os maiores protestos dos dominicanos que, de há muito, detinham nas ilhas o poder religioso e o poder civil. Também sempre participaram ativa e diretamente nas mais duras operações militares que se apresentaram. Nos finais da década de 1580, missionavam oito dominicanos em Solor.

**Doc. 26 →**  
O batizado de um  
príncipe na década de  
1580

Com tão bons princípios e novas que vieram dessa cristandade se animaram os religiosos da congregação a prosseguir-la, enviando mais obreiros, porque a seara prometia grandes frutos, e como tão dilatada necessitava de mais religiosos; e continuando eles com o mesmo zelo trouxeram à nossa fé muita gente nobre e o Príncipe herdeiro de um reino de Timor, que o Pe. Frei Belchior da Luz levou consigo a Malaca para que fosse batizado com a maior solenidade pelo Bispo D. João Gaio Ribeiro que sucedera ao nosso D. Frei Jorge de Santa Luzia o qual fez aquele ato com pompa e majestade, assistindo o capitão da Praça e mais nobreza da cidade.

Carta de Frei Fernando de Santa Maria ao Geral da Ordem de S. Domingos

**Atividade:**

1. Explica a importância do ato referido no documento 26.
2. Indica o dado objetivo que o Superior dos dominicanos tinha para apreciar a situação da comunidade apresentada no documento.

Ao mesmo tempo, nestes anos, os dominicanos tinham alargado a atividade missionária às ilhas das Flores e de Ende. Em Ende, fundaram também uma fortaleza (1595) de onde foram expulsos no século XVII. Nas Flores, em 1558, antes da chegada dos frades, já existia um rei convertido, alguns portugueses, com o seu vigário, e umas centenas de cristãos que tinham sido batizados por João Soares, um mercador de Servite (ponta leste da ilha). Larantuca (**Doc. 27**) veio a ter um papel mais importante ainda do que o de Solor no estabelecimento dos portugueses em Timor.

Segundo cálculos holandeses, no final do século XVI, a ordem apoiava um total de 12 500 cristãos nativos, nas aldeias situadas em Solor, Flores e ilhas vizinhas.

Na ilha de Timor, os frades não estavam fixados de forma permanente. Depois da missão de frei António Taveira voltaram, com frei Belchior da Luz, nos finais da década de 80, para outra tentativa de evangelização. Também esta não foi a definitiva mas fundaram uma igreja em Mena (1589) e um filho do rei veio para Malaca para ser educado e batizado (**Doc. 26**).

Em 1633, frei Cristóvão Rangel radicou-se em Timor, no reino de Silabão (Atapupo), hoje, território indonésio. Apesar da oposição da comunidade muçulmana, batizou o rei local que, em sinal de afiliação, tomou o seu nome, D. Cristóvão (**Doc. 26**). Nos anos seguintes, os progressos foram prometedores e um outro dominicano, frei Rafael da Veiga, transferiu-se para o reino de Amavi, onde fundou uma igreja e uma escola, estendendo a sua ação até Amarasse.

São dois atos significativos. O primeiro, a fundação de uma escola, contrasta com a atitude holandesa da mesma época que, em conformidade com os princípios calvinistas (**Doc. 19, Subt. 2**), não promoveu a educação dos naturais nos territórios ultramarinos; o segundo, a conversão do rei de Amarasse, tornou-o, até ao fim do século, o melhor aliado de Portugal no Servião, a metade ocidental de Timor.



Doc. 27  
Pequenas Ilhas do  
Arquipélago e Sunda

#### Atividade:

1. Indica os acontecimentos de natureza político-militar que ditaram a fixação dos dominicanos em Larantuka (Doc. 27).

A Ásia de Sueste atravessava um momento de particular descontentamento pelas religiões tradicionais e de apetência por religiões universalistas que consagravam cultos assentes na fé individual. Na região de Timor, o cristianismo veio com o comércio, e a adesão foi mais um movimento espontâneo da aristocracia local do que uma imposição do poder, como aconteceu nas Filipinas que, na altura, estavam integradas, como Timor, no império espanhol.

Dados dispersos dão-nos, ainda assim, alguns elementos sobre a vitalidade destas comunidades cristãs: entre 1561 e 1606, passaram por Timor e Solor 64 religiosos; em 1639, eram 15 os dominicanos em Solor. Estes missionários eram, provavelmente, indianos e mestiços luso-asiáticos, alguns mesmo naturais de Solor.

Com efeito, estas informações parecem plausíveis, já que na altura da tomada da ilha pelos holandeses, em 1613, se refugiaram em Larantuka (**Doc. 27**), nas Flores, sete dominicanos, e mais de mil pessoas, das quais, apenas 30 seriam portugueses e mestiços.

Na realidade, em 1613, Solor era o único centro cristão nas ilhas de Sunda Menor já que a evangelização efetiva de Timor só se verificou no segundo quartel do século XVII, ficando Lifau como principal centro. A fortaleza de Solor veio ainda a servir de refúgio aos portugueses na altura da queda de Malaca (1641) e quando da sua expulsão de Macaçar (1661). Em 1636, os dominicanos deixaram definitivamente Solor e fixaram-se em Larantuka.



**Doc. 28 →**  
Opinião de um  
diplomata sobre a  
Holanda

Pensa-se geralmente que em muito pouco tempo o comércio das Províncias Reunidas com todas as partes do mundo se multiplicará, pois os holandeses satisfazem-se com lucros moderados e estão excelentemente equipados de marinheiros, barcos, dinheiro, tudo coisas que costumavam ser a especialidade de Veneza quando o seu comércio estava florescente.  
Embaixador veneziano Foscanini (1611)

**Atividade:**

1. Enuncia as razões da prosperidade da Holanda (Docs 28 e 29).

### 3. A rivalidade luso-holandesa; a penetração do poder político português; a aniquilação do poder de Waiwiku-Wehale

Quase pelos mesmos anos em que Portugal conquistou Malaca, emergiram na região dois grandes sultanados, o de Achém e o de Johor, herdeiro do sultanado de Malaca. Em si, a estratégia de ambos que visava o domínio do estreito de Malaca, vinha colidir com os interesses portugueses. Contudo, a instabilidade dessas alianças inter-regionais e as que encetaram com o Império Otomano, em vista à constituição de uma frente islâmica, acabaram por favorecer a permanência dos portugueses em Malaca, que se prolongou por mais de um século. Na realidade, essas alianças obedeciam mais a interesses geoestratégicos e económicos do que a motivações de carácter religioso. O cenário alterou-se quando, nas rivalidades entre os sultanados se introduziu um elemento novo que foi a chegada dos holandeses da Companhia das Índias Orientais (VOC). A ligação com Johor decidiu o destino da rivalidade entre portugueses e holandeses e finalmente na queda de Malaca, em 1641.

#### 3.1. A Holanda: de Província a Império

Os holandeses, povo do norte da Europa, tornaram-se independentes no contexto da reforma religiosa (**Doc. 1, Subt 2**). Eram os antigos Países Baixos do Norte, enquanto estiveram integrados no império dos Habsburgos, de Áustria e de Espanha. Durante a guerra de independência, constituíram-se em Províncias Unidas, quando as sete províncias rebeldes se juntaram. Entre estas destacou-se a Holanda e a sua capital Amesterdão.

Os Holandeses tinham-se apropriado das funções comerciais e financeiras desempenhadas, anteriormente, por Bruges, e depois, por Antuérpia. Com as grandes Companhias monopolistas de comércio e o Banco e a Bolsa de Amesterdão dominaram o mercado mundial (**Doc. 28**).

Os holandeses devem ser compreendidos como eles realmente são, os medianeiros do comércio, os administradores e os corretores da Europa [...]. Compram para revenderem, tomam para enviarem, e a maior parte do seu vasto comércio consiste em fornecer-se em todas as partes do mundo, de tal modo que podem voltar a fornecer o mundo inteiro.

*Daniel Defoe, 1660-1731.*

← **Doc. 29**

Opinião de um escritor inglês sobre a Holanda

**Atividade:**

1. Justifica a afirmação do escritor inglês: « Os holandeses devem ser compreendidos como eles realmente são, os medianeiros do comércio, os administradores e os corretores da Europa » (Doc.29).

Começaram por controlar a zona do mar Báltico e superar as repúblicas italianas ao desenvolverem uma estratégia comercial de venda de produtos de menor qualidade, a baixo preço e em grande quantidade (**Doc. 28**). Intervieram em Lisboa e em Sevilha no circuito de alguns produtos, como os do sal e do açúcar portugueses e o dos metais preciosos espanhóis. Adaptaram os seus navios ao transporte de mercadorias pesadas, volumosas e de consumo comum, e praticavam os fretes mais baratos do mercado. Constituída a maior frota da época, intrometeram-se nos negócios praticados nos mares e oceanos do Sul, no Oriente e na América (**Doc. 29**). Os países europeus que os precederam nestas atividades comerciais, Portugal e a Espanha, estiveram juntos numa união política, (1580-1640) da qual os Países Baixos se quiseram libertar.

Quanto à sua presença no Oriente, há historiadores que defendem que foi favorecida com a divulgação dos conhecimentos dos portugueses sobre a navegação e o comércio nos mares orientais, feita, em 1596, por um antigo secretário holandês do arcebispo de Goa. Pelo menos, foi nessa data que os holandeses chegaram à Insulíndia, e foi na experiência portuguesa que foi modelado o tipo de comércio de entreposto - redes de feitorias e de tráficos - que praticaram no mundo oriental.

Quanto ao empreendimento colonizador holandês na área atlântica, não foi tão feliz, mas permitiu-lhes entrar nos tráficos atlânticos afro-americanos e, uma vez expulsos do Brasil, introduzir nas Guianas as técnicas de exploração do açúcar e, com elas, o tráfico de escravos.

**Doc. 30** →  
Planta de Batávia e  
armada da Companhia  
das Índias Orientais,  
1652



**Atividade:**

2. Elabora um texto curto sobre a importância da Companhia das Índias Orientais para a afirmação do poder dos holandeses no Extremo Oriente.

### 3.2. O estabelecimento e o domínio dos portugueses em Timor

A chegada dos holandeses às Índias Orientais, nos últimos anos do século XVI, provocou no Extremo Oriente um conflito direto entre as duas potências cristãs.

Quando se diz «holandeses» é a poderosíssima Companhia das Índias Orientais que se está a referir. Companhia majestática, tinha todos os atributos do poder não só económico mas também político. Dominava os fluxos financeiros do Banco de Amesterdão, tinha voz nos órgãos de soberania e nos tribunais holandeses e apetrechava militarmente a sua armada e as praças que detinha, como um verdadeiro Estado. Depois de afastados os portugueses, a Companhia construiu fortalezas, recrutou tropas, fez alianças com os governos locais, administrava a justiça e governava os territórios conquistados. Batávia foi o centro do seu poderio na Ásia (**Doc. 30**).

Em 1583, já perdida a independência de Portugal, e integrado numa união das coroas ibéricas, começou a guerra entre a Espanha católica e a Holanda protestante. Mesmo assim, minando o poderio espanhol, Portugal e as Províncias Unidas mantinham relações comerciais e barcos holandeses vinham a Lisboa fazer negócio significativo na rede de distribuição no Norte da Europa.

Os Holandeses há poucos anos ganharam Amboino e Tímore aos Portugueses e quanto a Ternate, o rei dela tendo expelido os Portugueses da sua fortaleza, os Espanhóis das ilhas Filipinas ou de Manila, lhas retomaram e depois se concertaram entre si. De sorte que hoje os Portugueses não têm um grão de cravo à sua disposição, o que os molesta muito, e andam sobre isso em pleito no conselho d'El-Rei de Espanha contra os Espanhóis.

Francisco Pyrard de Laval, *Viagens 1601 a 1611*.

← **Doc. 31**

Vitória comercial dos holandeses

**Atividade:**

1. Indica o motivo do conflito travado entre portugueses, espanhóis e holandeses (Doc. 31).

Mas a guerra era também uma guerra económica e o parlamento holandês proibiu o comércio com os países da Península, e alargou o conflito à disputa colonial em torno do comércio das especiarias. Com uma enorme disponibilidade de capitais e um sistema monopolista de comércio, a Holanda estendeu, a partir da Insulíndia (**Doc. 31**), o seu domínio ou influência à Índia à China e ao Japão.

Os holandeses abriram, desde logo, três frentes de luta: nas Molucas, em Malaca e, a partir de 1613, em Timor, num despique violento pelo comércio do sândalo nas ilhas de Sunda e num jogo de alianças com autoridades locais convertidas ao islamismo.

O primeiro ato desta luta saldou-se, nesse ano de 1613, pela captura do forte de Solor. Bombardeado o forte, incendiada a cidade, com deserções dos seus habitantes, para o lado holandês, e com recuos para o interior da ilha, preparando uma resistência futura, nos termos da rendição, os holandeses aceitaram que os habitantes regressassem a Malaca ou outras bases portuguesas. Deste modo, alguns milhares de portugueses refugiaram-se em Larantuka, na parte oriental das Flores. Eram convertidos, como Francisco Fernandes, o capitão-mor natural de Solor que os chefiava, e mestiços, os «portugueses negros» ou *topasses*, acompanhados por sete padres dominicanos.

Em Larantuka, onde os frades já tinham um colégio desde 1599, consolidaram-se as estruturas políticas e sociais implantadas pelos portugueses que asseguraram a permanência da soberania portuguesa, em Solor, nas Flores e, mais tarde, em Timor.

Entretanto na Solor holandesa, rebatizada como Forte Henricus, foram destruídos templos católicos; as populações convertidas ao cristianismo, sem apoio, retornaram à religião tradicional ou islamizaram-se. No plano militar, foram anos acidentados com várias tentativas falhadas de reocupação pelos portugueses. Os holandeses só ocuparam permanentemente a fortaleza durante uma década (1618-1629), que terminou abruptamente com a deserção do capitão Jan de Hornay para o campo português. Anos mais tarde, um filho seu viria a desempenhar papel importante no controlo do comércio e no governo de Timor.

Em 1631, os dominicanos reconstruíram a fortaleza de Solor com ajuda financeira de Macau. Era uma ligação comercial antiga, não direta, mas com um tráfico de mercadorias importante.

**Doc. 32** →  
De Macau a Timor -  
Embates no Sueste  
Asiático

Devido ao bloqueio dos holandeses ao estreito de Singapura (Malaca), já não podem ir e vir por esta via, mas vão diretos de Macau, em **pinaças** bem equipadas que ao chegar a Solor embarcam soldados cristãos nativos, muitos dos quais se mantêm à sua própria custa, com os quais vão à ilha de Timor, a trinta léguas de distância de Solor, sem nunca deixar de ter frequentes escaramuças, em terra e no mar, com os holandeses, que igualmente para ali vão à procura do mesmo sândalo; no entanto os Portugueses levam sempre a melhor, uma vez que os de Macau são ricos e não têm falta de artilharia, as suas pinaças estão bem equipadas e os soldados que embarcam em Solor são muito bons e lutam corajosamente contra os holandeses.

*António Bocarro, 1635*

**Atividade:**

1. Explica a mudança da rota utilizada pelos mercadores de Macau no Sudeste asiático, nos inícios do século XVI (Doc. 32).
2. Justifica a superioridade dos portugueses frente aos holandeses, referida no documento 32.

**Pinaças** - Embarcação a remos e vela utilizada como barco de carga de longo curso, no século XVII.

Nos anos de 1580, esse tráfico era de cerca de 1000 cruzados anuais. Agora, porém, limitada no seu dinamismo por restrições imposta pelo Japão, o mercado do sândalo tinha novo significado para a praça de Macau (**Doc. 32**). Os navios de Macau vinham invernar no porto de Larantuca regressando, sob proteção do sultão local, por Macassar. O comércio incluía, além da madeira, ouro, cera e escravos.

Solor foi abandonada definitivamente em 1636, e incorporada nas possessões da Companhia holandesa (1646). Antes, em 1630, os portugueses tinham sido expulsos de Ende (**Doc. 33**). Apoiados pelos holandeses, os muçulmanos das ilhas da zona Solor-Flores, especialmente de Adunara, agitavam-se também, tendo sido combatidos com algum sucesso pelas forças larantuqueiras.

Assim, Larantuca emergia, indiscutivelmente, como a colónia portuguesa mais notável da região. Tinha a chave do tráfico de todo o arquipélago e era a sede da cristandade e do poder português. Na impossibilidade de se levantar uma fortaleza nas Flores, alvo fácil para os holandeses, impôs-se o projeto, acarinhado pelos dominicanos desde quase oitenta anos antes, de um estabelecimento na ilha de Timor.

Como já se disse, o domínio português em Timor só se concretizou em 1641, quando frei António de S. Jacinto se radicou em Mena. Foi no ano em que os holandeses conquistaram Malaca e em que a missão portuguesa de Larantuca resolveu transferir as suas atividades para Timor. Fê-lo na sequência de uma ofensiva de muçulmanos das Celebes, que se revoltaram contra os portugueses e provocaram enorme devastação na costa de Timor.

Veio de Larantuca o capitão-mor do mar, Ambrósio Dias, com 150 mosqueteiros levando por capelães aos Pe. Frei Bento Serrão e Frei Pedro de S. José, e com os socorros que da Rainha de Mena, e dos Reis de Lifao e de Amanubão se lhe ajuntarão, foram buscar o Rei de Servião, cuja terra assolaram, obrigando-o a fugir e reconhecer senhorio, o que ele fez pedindo pazes e o batismo que lhe deu o Pe. Frei Bento, e a toda sua família. Com este sucesso que foi em Julho de 1641, se recolheram os nossos a Larantuca e mandaram ao Pe. Frei António Cabral pelo Procurador das cristandades pedir socorro de gente a Manila, porque ainda em Solor se não sabia da morte d'El Rei de Tolo nem da feliz aclamação d'el Rei D. João.

*Relação do que obraram os religiosos da Ordem dos Pregadores...na Índia Oriental*

← **Doc. 33**

«Passa a nossa gente a Timor»

**Atividade:**

1. Explica o significado do facto relatado no documento, «foram buscar o Rei de Servião, cuja terra assolaram, obrigando-o a fugir, o que ele fez pedindo pazes e o batismo».

Portugueses europeus, mestiços e conversos de Malaca e de Larantuca reforçaram a população cristã da ilha. Timor passou a ser chamada de ilha de Santa Cruz. Os dominicanos encetaram então uma política de alianças defensivas (a que não era alheio o poder das armas de fogo europeias) e de assistência com os reis de Mena, de Lifau e de Amanubang ameaçados pelo poder muçulmano. Estas alianças pressupunham a conversão, a aceitação do estatuto de vassallos da coroa portuguesa e de aliados na luta contra os holandeses.

Os novos aliados dos dominicanos situavam-se no Servião, a zona ocidental da ilha e Belos, na zona oriental, onde se localizava o reino de Wehale, cujo soberano aparece nas fontes portuguesas designado como «imperador». A dependência em que se colocaram aqueles reis de Timor, conduziu a uma conspiração, concertada entre os reis de Servião e de Waiwiku-Wehale, para expulsar os portugueses. Mesmo que tenha sido inspirada pelo rei muçulmano de Tolo é representativa do mal-estar dos chefes de Servião e de Belos. Uma expedição militar que congregou dominicanos, *topasses* de Larantuca, alguns reis locais e autoridades militares portuguesas teve como desfecho, em 1641, a derrota, capitulação e conversão do Rei de Servião (**Doc. 33**).

A resistência de Waiwiku-Weahle terminou em 1642, mas a sua memória perdurou como a primeira resistência timorense. Depois deste acontecimento, em Belos, os reis ficaram completamente independentes de qualquer poder regional superior; em Servião, predominou a coesão política inter-reinos. À vitória sobre Wehale, resultado dos esforços dos dominicanos, das milícias e de autoridades civis e militares, de Solor e de Larantuca, sucederam-se conversões em massa.



**Doc. 34 →**

Timor na cartografia do século. XVII João Teixeira Albernaz (segundo), *Livro das plantas, das fortalezas..... do Estado da Índia Oriental*, (cerca de 1640)



**Em suma...**

Do ponto de vista humano, foi notável o esforço de expansão do catolicismo levado a cabo no Extremo-Oriente pelos missionários nos séculos XV e XVI. É sensível esse esforço em Timor, Flores e Solor, já que foram os frades dominicanos a verdadeira força ideológico-política da zona, impulsionada pelo espírito da Reforma católica. No entre-tempo, a autoridade do Estado português, de Lisboa e da Índia, estava concentrado nos problemas levantados pelo poder islâmico na costa ocidental da Índia e no Golfo Pérsico. Diminuiu, assim, o controlo do poder central sobre as iniciativas do comércio particular.

No final do século XVI, havia no conjunto das três ilhas e mais algumas pequenas, dezoito igrejas em Solor, oito nas Flores, três em Ende e duas em Adonara, e cerca de 20 000 cristãos. No ocaso do domínio de Wehale havia, só na ilha de Timor, 22 igrejas e 10 dominicanos ao seu serviço. No entanto, em Timor, os missionários tenderam a incluir as crenças dos naturais das ilhas na categoria de «religião natural» e, deste modo, preservaram a maioria dos aspetos definidores da cultura timorense.

Os antagonismos vários - no interior da comunidade portuguesa, entre frades e o poder do Estado, entre Portugal e as potências do Norte, entre os territórios cristianizados e as populações de religião muçulmana, - vieram juntar-se às rivalidades entre chefes timorenses facilitando a manutenção da longínqua suserania portuguesa, baseada no princípio pragmático de «dividir para reinar».